Artes e Artistas — Cinema

Radio — Palcos e Circos

NA PRACINHA

LEDO IVO

RIO — Foi na pracinha de Botafogo que, ainda, é uma grande praça. Ele lhe disse que estava a brumas. Então, virando-se graciosamente para o rapaz, ela sorriu, fechando por um instante os grandes olhos claros, e perguntou:

— Por que não prefere o sol?

Retruquí-lhe o moço:

— Se houvesse sol, não nos teríamos encontrado agora. E se não nos encontrássemos agora, decerto passaríamos a vida inteira desconhecidos um do outro.

A jovem observou:

— E não somos ambos desconhecidos?

Ele ficou em silêncio, enquanto a bruma se instalava na superfície cheia das paredes dos edifícios. A noite já avançando sem nenhum rumo, como se o tempo houvesse parado. No céu, algumas estrelas brilhavam distantes da bruma que dava a impressão de sair do asfalto, envolvendo permanentemente as casas. Na água secta da enseada, havia barcos, muitos barcos, misteriosamente ligados aos lugares onde estavam, impossibilitados de partir. As luzes dos postes e edifícios cercavam a enseada de uma aura luminosa que tentava precipitar-se sobre os muros e ir brotar ainda de mesma densa da vegetação, mas se diluía no escuro. Janelas cintilavam, lutando contra o nevoeiro. A ventania, surgindo inesperadamente, curvava os ramos das árvores. E os fios elétricos tremiam.

Virando-se para o rapaz, ela perguntou:

— Acha que vai chover?

— Acho que não.

— Mas estão caindo tantas folhas!

Ele, filosófico:

— O destino das folhas é cair.

Ela trajava um desses vestidos que são comprados já feitos nas lojas do centro da cidade, e ficam durante meses num manequim, esperando tim olhar de simpatia, que só deseje, em um vestido amarelo que estampava flores brancas, com uma gola também branca cingindo exatamente o pescoço e o início do busto.

— Seu nome é Teresa?

Inclinando a cabeça para trás, numa gesto de surpresa, ela abriu os lábios num sorriso sem alegria e disse:

— Não, é Irene.

Ele comentou:

— E' claro que eu não poderia adivinhar seu nome. Entretanto, Irene...

— Já sei o que quer dizer. Mas Teresa é um nome muito mais bonito, não acha?

— Teresa é apenas um nome jogado ao vento. E você existe, Irene.

Ela explicou que trabalhava num laboratório de produtos farmacêuticos.

— Mora com sua família?

— Não. Tenho só mãe, que vive em Cachoeira de Itapemirim, a cidade onde nasceu Rubem Braga.

Aqui, moro em casa de uma família conhecida.

— Filha única?

Moveu tristemente a cabeça, e informou:

— Tinha um irmão, que morreu num desastre de automóvel. Ele estava estudando para trabalhar na Marinha.

Vinha o cabelo que ela esperava. Despediram-se. Ela afastou na capa de um romance o número do seu telefone e desapareceu na bruma como uma personagem da senhora Clarice Lispector.

O rapaz foi pensando que, com aquele nome, ela poderia ter entrado num verso, numa vida. Teria dois incorporá-la à sua infância, dizer que quando menino ela passeava com Irene por entre os mangais e as pitangueiras. Dizer que, se pesquisa certos goiabeiros que sempre acabavam desaparecendo nas locas, irá em sua homenagem que o fazia, pois é próprio dos garotos darem às suas amigas os presentes mais singulares: este aqui onde o orvalho da manhã mistura o travo da fruta ao amanhecer, esta bola de sude que fulge ao sol, esta flor imurchável.

Ele ia carregando o nome, e o guardava como se fosse uma joia. Recostando-se, em sua lembrança como se se inclinasse numa varanda a cavaleiro da praia, via evocava uma existência mais natural e livre, próxima ao vento e ao sol, e à noite também.

Durante muito tempo o moço esperou ouvir a voz dela dizer "alô" num telefone que toca de surpresa. No silêncio esperou, e com o silêncio ela respondeu. E se as vozes lhe aconteceu dizer Irene, ela não se limitava a este nome, que a confundiria com as senhoritas da geração de 45 que telefonam, que não souberam desaparecer, que não perguntam pelo sol; preferiria dizer: a dama da pracinha, tragada e levada pela bruma. — (ESI).

POSTAIS DE PARIS

QUE SE NOS PERDEU EM VENEZA?

PARIS, — Miguel Angelo deixou um dia Florença para se fixar em Veneza. Teve aversão à cidade e tomou o caminho de Bolonha. O protegido de Lourenço o Magnífico era também dos tempos de Savonarola. Se não o queimassem vivo na Praça della Signoria, o monge de Ferrara teria chegado o fogo a Veneza. E não para se divertir, como Nero fez com Roma, ao que parece.

Nesses tempos são mais modestos; mas a nossa Renascença também tem os seus Savonarolas. Mais fracos, para ventura nossa. Nós também não somos tão fortes como o filho de Lodovico Buonarroti. Não tivemos, como ele, aversão a Veneza, mas também lhe sentimos o choque.

Primeiro, foi um deslumbramento do gênio. Nunca a imaginação teve tão longe — e tão contrária — de realidade. Depois, a sensação de quem anda manietado, preso em esforço de equilíbrio, como em terreno quadriculado com buracos de água.

Há algo de estranho no ambiente que torna a respiração. O bizantino como materialmente o romano o regula o ar do gótico local. Não é um gótico que sobe a Deus, como o outro, mas um gótico de desamparia. Delicioso, mas de bazar ideal. Ora, no romano e no gótico ocidental está o habito dos nossos tetos.

Como aquele pobre diabo que foi cuspir de cataratas do Niagara sem uma afirmação vã da sua personalidade, não também segredamos esta impertinência inutil às águas que nos puxam pelos pés "ou um homem livre". A seguir, vem uma espécie de adaptação artificial, como se uma segunda natureza se nos mistesse no corpo para nos dar o andar, sem embaraços. Perigos outra coisa que se some em Veneza é o ritmo normal dos nossos passos. Anda-se sempre às pressas, mesmo quando se anda devagar. E perdido, sem saber porquê, sem saber o que se busca.

As ruas venezianas são as mais perfeitas do mundo. São ruas que não correm; nos dão a sensação, entre paredes lisas e altas, como cortadas a faca. Em toda a parte, nas arvores por que se passa ou nas ruas por que se anda, há a ilusão de que tudo corre sem o movimento. Em Veneza, não. Tudo é estático, como o arco-íris. Só passamos nós, o resto fica, não se move.

São autênticos dédalos aquelas ruas em que algo se perdeu. Em que se procura sempre não se sabe bem o quê. E às vezes com aflição. Uma pressa e uma surpresa e um — respiradouro. Desembocamos nelas para respirar, como quem tira a cabeça da água, ao cabo de um bom mergulho. Os pulmões agradecem. Ou então dá vontade de brincar ao gato, como os meninos. De dizer "cucú" e meter a cabeça para dentro, para outro dédalo de ruas, que afinal, não é outro, é — o mesmo.

Que se nos perdeu em Veneza? Que procura à gente pelas ruas de Veneza, às vezes com aflição? Só se sabe quando se deixa a cidade, que não é mudar de terra, nem mesmo de continente; que é entrar em outro mundo. E só então encontramos nós o que se nos perdeu em Veneza. Trinta dias de aturadas e agitadas buscas para nada! Trinta anos que fossem... E' mister mudar de mundo. Tinhamo-nos perdido a nós, mesmo. E, quando já em terra firme, seguimos o caminho de Bolonha, retomamos posse solene da nossa personalidade. E' este o sortilégio de Veneza. E foi esse o nosso choque com a cidade. (ESI) — N. E.

ARTES E ARTISTAS

EXPOSIÇÕES

Pinacoteca do Estado — Praça da Luz, 2 — Pavilhão superior — Exposição de artistas nacionais e estrangeiros. Franqueada ao público diariamente, das 12 às 17 horas, exceto terças-feiras; domingos e feriados das 10 às 16 horas.

Galeria Rio Branco — Rua Barão de Itapetininga, 140 — Exposição de pintura húngara.

Rua Marquês de Itu, 1828 — Exposição da pintora Djanira.

Rua Barão de Itapetininga, 218 — Exposição do pintor francês Jean Guilherme.

Museu de Arte Moderna — Exposição francesa de arte religiosa.

Galeria Domus — Exposição da pintora Maria Leonilda.

Galeria "Ambiente" — (Rua Martins Fontes, 221) — Exposição do pintor Milton Dacosta.

Rua 7 de Abril, 230 — 2.o andar — Exposição de reproduções de quadros de autores modernos mexicanos.

Rua 7 de Abril, 230 — 2.o andar — Exposição do pintor Zacharias Autuori.

Avenida Ipiranga, 981 — 1.o andar — Exposição do pintor Clorilo Agostini.

Rua Barão de Itapetininga, 140 — 11.o andar — Exposição do pintor espanhol Pedro Riu.

— ★ —

Terceiro Curso Internacional de Férias Pró-Arte

Iniciado, a 7 de janeiro, na cidade de Teresópolis (Estado do Rio), o Terceiro Curso Internacional de Férias Pró-Arte, que terá a duração de seis semanas. Participarão do curso, como docentes, o compositor Ernst Krenek, professor catedrático na "Southern California School of Music" em Los Angeles; os pianistas Karl Ulrich Schnabel (Nova York) e Hugo Balzo (Montevideu), e violoncelista Jacques Ripoche (Paris). Maria Amélia de Resende Martins e Tomás Terán, piano; Hilde Sinnek, canto; Georges Rety-Gazda, violino e musica de Câmara; Johannes Oelsner, violino, 2.o; Koellreutter, harmonia e contraponto; frei Pedro Sinzig, organo; Geni Marcondes, iniciação musical e pedagogia; Elizabeth Filla, dança clássica e moderna, e Tisiana Bonzanela, desenho e pintura.

O programa do curso compreende ainda uma grande Festival de Musica de Câmara, constante dos seguintes concertos: 1.o — (11 de janeiro) — Musica de Barroco e Rococó.

2.o — (19 de janeiro) — Trios de Schubert, Beethoven e Villa Lobos.

3.o — (26 de janeiro) — Quartetos de cordas de Schubert, Prokofieff e Dvorak. Canções de Camargo Guarnieri.

4.o — (2 de fevereiro) — Musica de Camera Francesa.

5.o — (9 de fevereiro) — Composições de Ernst Krenek.

6.o — (16 de fevereiro) — Obras de Brahms, Schumann e Ravel.

A execução estará a cargo de Ernst Krenek, Karl Ulrich Schnabel, Maria Amelia de Resende Martins, piano; Hilde Sinnek, Silvia Ramos, Zilda Medici Hamburger, canto; Georges Rety-Gazda, violino; Jacques Ripoche, violoncelo; Trio "Pró-Arte" e Quarteto Ripoche.

Os concertos realizar-se-ão no auditorio da Prefeitura local. Informações e assinaturas: Pró-Arte, rua Barão de Itapetininga, 120, sala 414, tel. 34-6925.

— ★ —

ACACIO

POR HARRY HANAT

PALCOS E CIRCOS

Noticias Teatrais

Em São Paulo

"FALTA UM ERRO NESSA HISTÓRIA", NO TEATRO SANTANA — A Companhia Jalmé Costa representa hoje, no Teatro Santana, às 16, às 20 e às 22 horas, a comédia "Falta um erro nessa história", de Nancy Armont, tradução de Correa Varela e Paulo Manhães, com Jaime Costa, Aristóteles Pena, Norma de Andrade, Joyce de Oliveira, Roberto Duval e outros artistas.

BIBLIOGRAFIA

CADERNO DE AUTOGRAFOS (Poesias) — Editora Acaiaca — Belo Horizonte — 1951.

Acaba a Editora Acaiaca, de Belo Horizonte, de lançar interessante "Caderno de Autógrafos", com poesias de um grupo de conhecidos bardos do País. O "Caderno" apresenta manuscritos dos seguintes poetas: Ademar Moreira, Bahia de Vasconcelos, Celso Brant, Cordélia Fontainha Sete, Da Costa Saitos, Dialma Andrade, Ferreira Gullar, Gilka Machado, Jorge Azevedo, Lago Burnett, Mario Augusto Barreto, Newton Rossi, Nilo Aparecida Pinto, Olegário Mariano, Plinio Mota, Rubens Pontes, Sebastião Noronha, Sergio Millet e Suares da Cunha.

Faleceu Andres Lopez Martinez

MADRID, 29 (AFP) — Faleceu ontem, aos 82 anos, o decano dos atores espanhois, Andres Lopez Martinez.

Tonico NERVET

ESTIMULANTE E TONICO

FACILITA O SEU BALANÇO

CONSULTE Insubra

RUA 7 DE ABRIL, 360-TEL. 33-6584

APROVEITEM

AS ULTIMAS BICICLETAS

das melhores marcas e equipadas.

Para meninas de 6 até 12 anos, só por

Cr$ 1.250,00

RUA DA LIBERDADE N. 421

CURSO DE PORTUGUES

POR CORRESPONDENCIA

DO DR. NAPOLEÃO MENDES DE ALMEIDA

Já está o 14.º ano de existência do Curso de Português por Correspondencia do DR. NAPOLEÃO MENDES DE ALMEIDA, autor da GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA PORTUGUESA e de varios outros livros de português e de latim. Ensino completo e metódico, com alunos na Capital, em todos os Estados e fora do proprio País. RUA LIBERO BADARÓ', 346, 4.º andar, salas 3, 9 e 10. Caixa postal 4458 — Fone: 23-0658 — S. PAULO.

Peça quanto antes, sem compromisso, o prospecto.

"ASSOCIAÇÃO ANTI-ALCOOLICA"

Quer deixar de beber? Procure-nos

Curamos e não cobramos

RUA SENADOR FEIJÓ', 1o 2.º andar — Caixa 2348

S. PAULO — BRASIL

A's sextas-feiras das 20 às 21 horas

O casamento de Guimarães Passos

RAIMUNDO DE MENEZES

Parece incrível que um bilhete de quatro bolinhas, de marca de Guimarães Passos, o famoso "Guima", pensasse um dia em casar-se. E não é que ela, estrela sem remedio, veio a casar-se mesmo!... Naquele tempo, os literatos da época faziam poetas, uma vez por outra, em tertúlias memoráveis, no vistoso e rico palacete da baronesa de Mamanguape, viuva do barão de Mamanguape, senador do Império por sua província natal, a Paraíba.

A baronesa, a poetisa Carmen Freire, sempre alimentava veleidades literárias. E como tal, amava o convívio dos poetas e escritores. Atraía, em consequência, à sua confortável mansão, os amantes das belas letras.

Flávio Clementino da Silva Freire — ela o verdadeiro nome do barão. Era barão com grandeza. Por decreto de 14 de março de 1888, recebera o honroso título. Depois, a 16 de maio de 1889, o outro, mais honroso ainda.

Do seu consórcio com a carioca Carmen Freire, nascera uma filha, chamada Celsa. Após a morte de marido, a baronesa pensou em casar-se de novo. Mas queria casar-se desta vez, com um poeta vivo um escritor. Por isso inventou as tertúlias semanais — maneira talvez inteligente de ligar algum mais afoito...

Delas participavam figuras de renome na literatura da rua do Ouvidor: Bilac pulava a cerca, seguido por Paula Nei, Pardal Mallet, seu lugar-tenente, Rodolfo Amoedo, Coelho Neto, Aluísio de Azevedo e o "Guima"... O "Guima" — com as suas atrevidas cosquetas e vestoas polainas, que fizeram época.

Geralmente se bebia com discrição. Mas, em compensação, se declamava até a meia-noite. Palestrava-se, discutia-se, pilheriava-se, principalmente se pilheriava. Tudo sob os olhares complacentes da dona da casa e da sua formosa filha.

A viuva não procurava esconder as suas acentuadas predileções pelo poeta de "O Teu Lenço". Achava-o fisicamente apolíneo. Chamava-lhe as pladas e os versos. Alimentava uma simpatia toda especial por ele. O boemio, por sua vez, tirava partido daquela admiração: e, de vez em quando, lá ia uma "facada"...

As inclinações do poeta, porém, pendiam para a filha da baronesa. Celsa era o motivo principal das suas constantes visitas à mansão dos Mamanguape. Só não via quem não queria ver. Pasta-lhe, francamente, o seu "pé de alferes"...

A "velha" tinha 33 anos e era bonitona. A filha, todavia, desabrochava promissoramente. Atingia a casa dos 18 anos, e era delgada, pálida, romântica... O poeta sandava no esplendor dos seus 23 anos.

Em meio dos recitativos, ao som da "Dalila", no plano de cauda, na sala de visitas, em que se regalavam com trechos da "Judia", estrofes de "D. Jaime", quadras da "Divina Comedia", e mais ainda, intermináveis, as recentes composições de Castro Alves, Gonçalves Crespo, Machado de Assis, Gonçalves Dias, João de Lemos, Garret — rolava o namoro platônico e meloso, de furtivos olhares, entre "Guima" e Celsa...

Ao fim da noite transbordante de tanta literatura e tanta poesia, vinha a ceia convidativa servida pelo pessoal da Confeitaria Ouvidor.

*

No aniversario de Celsa, em meio à noite festiva, "Guima", após vários copos, já bem "alto", resolveu tomar uma resolução definitiva. Deliberou entrar para o rol dos homens sérios, casar-se... E ali mesmo, para espanto de todos, na presença de tão ilustres convivas, pediu em casamento a mão da jovem Celsa. A baronesa esperava por tudo neste mundo, menos aquilo, assim tão de repente, tão de supetão...

O poeta estava disposto a tudo. Apaixonadíssimo, no paroxismo de um amor fulminante, querendo as núpcias para muito breve, não vacilou em concordar com que, após a lua de mel, passaria a residir sob o mesmo teto, ali mesmo, no solar farto da familia Mamanguape. Dessa forma, não faria tantas despesas. Era a sopa no mel. O util ao agradável. Não houve quem não elogiasse, principalmente a futura sogra, o bom-senso, o senso pratico de quem vivia no mundo do sonho, no mundo da lua...

O casamento do poeta Sebastião Cicero dos Guimarães Passos com a graciosa senhorinha Celsa da Silva Freire ficou marcado para aquele mesmo ano de 1890.

Não havia quem não soubesse e não comentasse que o boemio ia dar um golpe, um golpe de mestre, o maior da sua vida. A moça trazia polpudo dote. Além disso, o prestigio de um nome aureolado de glorias de baronato do Imperio. O pai ocupara com muito brilho o cargo de deputado em varias legislaturas. Fôra eleito senador. Exercera as altas funções de presidente da Paraíba do Norte, onde tinha sido importante fazendeiro, Grande do Imperio e oficial da Ordem da Rosa.

O brazão de armas da familia era alguma coisa de deixar muito poeta da moda com agua na boca: "em campo de ouro uma banda azul, carregada de três flores de cana-de-açucar, de ouro".

Nunca, pela sua mente exaltada de boemio incorrigivel, passara aquele sonho, que agora ia transformar-se em realidade. Não queria acreditar no que estava acontecendo. Ele, o filho do antigo tabelião Passos, o mais velho das Alagoas, casar-se com a filha de um barão do Imperio, bonita, prendada, cheia do dinheiro... Parecia um premio caído do céu.

Nem precisava mais pensar em trabalhar. Para quê? Poderia levar, dali por diante, uma vida folgada. Poderia dedicar-se, com maior proveito, à literatura, às musas. Produzir mais, pois andava com a cabeça enxamiada de idéias, de inspirações, principalmente agora, nessa maré de tanta ventura.

Tratou, quanto antes, já por conta, de mandar confeccionar novos ternos de casemira, da mais fina casemira inglesa. Enfarpelou-se da melhor maneira possível. Ficou janota. Um dandi perfeito. Elegantissimo, causou inveja a muito confrade....

A sua Celsa transformou-se numa nova Clóó. Cantou-a em ditirambos maviosos:

Clóó! que nos importa a vida
[que perdemos
Antes de o nosso olhar prender
[nos desta sorte?
Nossa vida começa agora, que
[vivemos
Somente pelo amor, sem receio
[da morte.
Hoje somos um só; morra no
[negro olvido
O tempo da loucura em que
[loucuras fiz:
Recobramos num dia cada tem-
[po perdido,
Que, por seculos, vale um mi-
[nuto felis.

Mas depois de tanta felicidade, vieram a peçonha da intriga, as invejas mal contidas, as maledicências...

Soframos sem gemer... Quem
[neste baixo mundo
Pode fugir à malha invisivel
[da intriga?
Traiçoeira e cruel, fere ainda
[mais fundo
Quando fere com mão que jul-
[gamos amiga.
Aqui nos tem, não vês? mais
[depressa te achega
Nuvem da morte, vem, não nos
[verás tremer.
Vibra o teu odio e todo o teu
[veneno empreja:
Nada temas que nós — não te
[podemos ver.

As nupcias substituiram retumbante festa. Compareceu meio mundo, o Rio de Janeiro quase todo, a Capital elegante daqueles tempos. A baronesa fizera questão de casar a unica filha com um festim que marcasse epoca no comentario da gente mais fina do então. E foi o que aconteceu.

Além do mundo elegante, a companheirada da rua do Ouvidor. Arranjaram fraques emprestados, ou alugados. O certo é que, desta vez daquela forma, os boemios compareceram. Compareceram e fizeram jus ao banquete. Beberam a fartar. Mas se portaram como manda o figurino. Estiveram à altura da etiqueta. As recomendações não foram poucas, principalmente as feitas pelo "Guima":

— Vê lá não derrubes a festa, rapaz! Olhem bem...

Não perderam a linha. Houve brindes. Muitos brindes. Versos à vista, quanto sério improvisado, quanto bestialógico... Nessa noite memoravel, o "secretario brasileiro" funcionou em toda a linha.

Pois naquela ainda havia gente sem rédea solta da vivenda confortavel. Os boemios foram-se indo. Ficaram só. Saltara com saudade de tanta comida e de tanta bebida, que havia muito tempo não via...

*

"Acabou-se mamão, comenta Biel Coelho, o piores não se deve bem cheio à vista amarela. A historia do casamento serve ainda para mostrar a falta de sentido das realidades, com que, Guimarães Passos conduzia a vida à suas exigencias. A baronesa de Mamanguape tinha fixação de poetisa, perseguindo os homens de letras do tempo com tertúlias e recitando versos a todo propósito. Paula Nei escolhe-a para vítima de suas partidas. Olavo Bilac corre-a com respeito. Pardal Mallet não deixa nunca de lhe fazer cumprimentos excessivos. Os encontros, no palacete da baronesa, são divertidíssimos. A certa altura, todos admiravam Guimarães Passos como seu preferido. O comum da gente chega a acreditá-lo amante da poetisa. Mas, vai senão quando surge noivo de sua filha".

A lua-de-mel do poeta parecia fadada a durar muito pouco. O "Guima" não nascera com vocação para o casamento. Tinha o espírito voltado para a boemia. Amava a liberdade, acima de tudo. Queria amoriscar, nada de prisão.

Assim, é que, logo nas primeiras semanas, começou a sentir estranha saudade — que não tinha coragem de revelar — de uma boa prosa nos cafés frequentados pelos poetas seus amigos, de uma notada alegre, após o espetáculo teatral, da mistura com atrizes francesas, de uma cela regada a bons vinhos... Principalmente de um gostoso copado...

Não se aguentou, e foi. Foi e aconteceu o inevitavel, o que já se esperava: as primeiras ruagas domésticas. Num soneto, retratou a sua desdita de incompreendido:

Queriam que eu ria, que o prazer
[alheio
Seja meu, que o partilhe e o esteja
[panhe;
Que a vestidura que banha aos ou-
[tros, banhe
Meu negro peito de tristeza cheio.

Sejai bradei; nenhum de nós es-
[tranhe
Mais nesta roda um rosto triste e
[feio;
Quero beber e rir, pois já não creio
Senão que existam males e cham-
[pagne.

E uma taça após outra fui bebendo;
Sempre bebendo, vi dançar a mesa.
E os meus convivas fui desconhe-
[cendo.

Sorri, afinal, ual... mas não so-
[zinho;
Comigo estavas, porque a natureza
Do meu amor, embriaga mais que
[o vinho.

As desinteligencias com a esposa não o emendaram, como se vê. Pelo contrario, serviram para inspirá-lo. Numa madrugada em que, ao retornar à casa, encontrou Celsa chorando, sentada na cama, à sua espera, compôs, de improviso, num momento de feliz inspiração:

Alma de bronze ou coração de ferro
Tiveste, e vieste-te a chorar um'hora,
E em pranto, sem a minhaa dámora,
Verteu a dor que no meu peito
[encerro.

Chorai! Mais bem fica o teu olhar
[que chora,
E no teu pranto tanta dor descerro
Que não sofrerá mais se o meu
[enterro
Ante os teus olhos diafanamente agora.

Também é minha a tua funda ma-
[gua;
Pois, minha alma ferida: nos es-
[tolhos
Do amor, sobe-me aos olhos rasos
[dagua.

E eu vejo em cada lágrima sentida
Uma escada de seda, em que eu,
[querida,
Subo às janelas dos teus lindos
[olhos.

Procurava, ainda, por todos os meios, fazer feliz a mulher amada, aconselhando-a, assim, numa filosofia toda sua:

Para seres feliz, basta somente
Que tenhas a ilusão de que és feliz.

Mas isso só não bastava. O amor exige sacrifícios. Sacrifícios a que o poeta, com a sua intemperança e a sua boemia, não estava disposto a submeter-se, em troca de momentos, embora fugidios, de um serão familiar, em companhia da esposa.

No ano seguinte, quase ao findar 1901, no mês de setembro, Celsa sofreu mais um dissabor. Sua mãe caiu de cama. Foi uma doença fulminante. No dia 13, os medicos desenganaram-na. E, naquela tarde mesma, ela faleceu. Falecia aos 56 anos. O enterro da poetisa, Carmen Freire foi dos mais concorridos. Era ela relacionadíssima no seio da mais alta roda fluminense. Muitas coroas, muitas flores...

"Guima" tudo fez para amenizar a dor da esposa. A perda da mãe cortara-lhe o coração. Os sentidos necrologios nos jornais resaltaram-lhe as qualidades morais e intelectuais. Perdia a sociedade brasileira uma das suas mais distinguidas damas. Depois daquele rude golpe, a saúde de Celsa começou a definhar. Consultou varios médicos. Tudo em vão. Foi-se acabando; a pouco e pouco, a olhos vistos.

Nesse meio tempo, "Guima", já de posse da herança da sogra, animado pela esposa, lançara o primeiro livro de versos, a que deu o titulo de "Versos de Um Simples". Era a coleção de todas as suas composições poeticas de 1888 a 1891, isto é, desde a sua chegada ao Rio, até um ano após o casamento.

Estavamos em setembro. Em outubro, a casa Lombaerts & Comp. lançava, em trabalho admiravelmente bem impresso, o livro do poeta. Na primeira página, depois do prefacio de Luis Murat, vinha aquele incisivo oferecimento: "A minha Mulher". E, mais adiante, sob a primeira composição intitulada "Estrela d'Alva" (Sonho de uma manhã de estio), outra oferenda: "A' Baronesa de Mamanguape".

Naqueles três anos de matrimonio, "Guima" provou, em fugidios instantes, a taça da ventura. Sorveu-a, e depois dela, outra, cheia de fel. Tirou proveito apenas da abastança, em consequencia do dinheiro herdado... O mais, foi uma vida de inferno. A mulher vivia constantemente doente. Até que, um dia, naquele ano de 1893, não resistindo a tantos padecimentos, faleceu.

Principiou para o boemio uma vida de sacrifícios mal disfarçados. Entregou-se de novo à existencia de noites mal dormidas, em eterna desventura.

Recomeçou, para manter-se, a colaborar assiduamente nos jornais e revistas da epoca: na "Gazeta da Tarde", na "Gazeta de Noticias", em "A Semana". Usava os pseudonimos: Pindaíto, Gill, Floresa, Puff, Tim, e, com maior frequencia, Fortunio.

E a vida de desregramentos aumentou cada vez mais, dal por diante.

NARIZ, OUVIDOS E GARGANTA

Clínica do prof.

PAULA SANTOS

Prof. A. de Paula Santos

dr. Horacio de Paula Santos

Av. Brig. Luiz Antonio, 626. Consultas: das 9 às 11 e das 14 às 17 horas. Tel.: 33-7264.

Aos sabados, das 9 às 11 horas.

RUA BRIGADEIRO TOBIAS, 5

Aguardem o novo

VAUXHALL 1952

PRODUTO DA GENERAL MOTORS

FRANCISCO ARMANDO

AV. S. JOÃO, 2073-2085

RUA PIRATININGA, 3

SERVIÇO INTERURBANO

Em virtude do maior volume de serviço neste periodo de festas, quando, além das chamadas de negócios, inúmeras são as ligações solicitadas para fins sociais, o serviço interurbano sofre por vezes sobrecarga que ocasiona demoras.

A COMPANHIA TELEPHONICA BRASILEIRA sente-se no dever de prevenir seus assinantes desse fato e de sugerir, no interesse de todos os usuários do serviço interurbano, o seguinte:

1. Depois de ter pedido uma ligação, não renove êsse pedido, nem solicite com freqüência novos avisos — assim evitará de sobrecarregar ainda mais as linhas e o trabalho das telefonistas.

2. Não prolongue desnecessàriamente suas ligações — lembre-se de que há outras pessoas que também querem falar.

COMPANHIA TELEPHONICA BRASILEIRA